

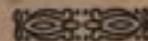
ISALTINO VEIGA DOS SANTOS (LUCAS)

*Arquivo Veiga  
fm*

# VITIMAS DO PRECONCEITO

(peça radiofônica em três atos)

— COLEÇÃO VEIGA DOS SANTOS —



1 9 4 5  
ESTABELECIMENTO GRAFICO "ATLANTICO"  
Rua da Alfândega, 56 — São Paulo

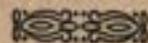


ISALTINO VEIGA DOS SANTOS (LUCAS)

# VITIMAS DO PRECONCEITO

(peça radiofónica em três atos)

— COLEÇÃO VEIGA DOS SANTOS —



1 9 4 5

ESTABELECIMENTO GRÁFICO "ATLANTICO"

Rua da Alfândega, 56 — São Paulo

## DO MESMO AUTOR

O Escravo — Drama.

Cabocla Bonita — Burieta, Música de Alfredo Pires.

Marieta e Herofina — Drama patriótico (public. 1932).

Música brasileira — Teatro e música.

Flauta, cavaquinho e violão — Teatro ligeiro.

Amigos da luta — Teatro crítico.

Apaches negros — " "

Ditames da lei — Drama em três atos.

### EM PREPARAÇÃO:

Uma esmola pelo amor de Deus.

O Esperador de Bondes (Radiofonização da novela do mesmo nome, de A. Veiga Dos Santos).

Satanás — Fantasia dramática.

Visão — " "

Almas em choque — Peça realista.

## Vitimas do Preconceito

Peça radiofônica em 3 atos, original de ISALTINO VEIGA DOS SANTOS, (LUCAS)

### PERSONAGENS

Coronel Pantaleão	Fazendeiro	53 anos
Dna. Sinhazinha	Sua esposa	43 "
Rosinha	Filho do casal	17 "
CLAUDIO	Seu irmão	20 "
Hemetério	Administrador	31 "
Alceste	Uma linda mestiça	18 "
ROBERTO	Mestiço inteligente	15 "
Sebastião	Antigo empregado	40 "

### ATENÇÃO

De acôrdo com a lei que protege a propriedade literária, esta peça não poderá ser irradiada, representada ou filmada, sem prévia autorização do autor, do Dr. José de Sousa Camargo, ou de seus representantes legais.

**AÇÃO:** — Passa-se numa fazenda do interior mineiro — Estado de Minas Gerais — Brasil — Época — Atualidade.

**LOCUTOR:** — Os personagens que vivem esta peça são fictícios, o mesmo acontecendo com o fato nela narrado, fruto de pura imaginação do autor. Qualquer parecença com pessoas e fatos da vida real, não passará de mera coincidência.

Vamos ouvir o primeiro ato de VITIMAS DO PRECONCEITO, a peça que ISALTINO VEIGA DOS SANTOS escreveu para o nosso rádio-teatro.

## PRIMEIRO ATO

**SONOFONIA:** — Badaladas de sino, chamando os colonos ao trabalho — Chiado característico de carros de bois — Cacarejar de galinhas, mugir de gados, latido de cães etc.

**SEBASTIÃO** — Anda, Malédo! Vamo, Candiero! Dito, prenda o bezerro da Pintada no mangueirão — Vá guardá aquele cabresto — Ota negrinho ruim de trabáio! O culpado disso é a Princesa Isabé.

**SONOFONIA:** — Relógio: — Oito badaladas.

**HEMETÉRIO** — Como vêem, a chamada hoje foi tarde, o sol já está quente, são oito horas — O Coronel chegou ontem com a família, e a nossa festinha foi até altas horas da madrugada, vamos nos descansar.

**SEBASTIÃO** — Nho Hemetério, o sinhô precisa dá um jeito naquele negrinho, (à distancia) Ota negrinho maldiçoado!

**HEMETÉRIO** — (Sem dar atenção às palavras de Sebastião) Aqueles que tenham empreitadas, roças, e mesmo os meeiros, caso queiram, podem trabalhar um pouco — isso porém será espontaneamente — Hoje é sexta-feira, unicamente segunda voltaremos à nossa vida normal de trabalho.

**VOZARIO** — Viva o Coronel e sua família! Vivão... etc.

**HEMETÉRIO** — Muito bem; quer dizer então, que estamos entendidos; vão se preparando para a nossa festa, o nosso patrão é bem merecedor.

**SEBASTIÃO** — Nhô Hemetério, Nha Rosinha falou comigo ontem, prá falá com o sinhô, promóde do aceiro.

**HEMETÉRIO** — É verdade, Tião, foi bom você me lembrar. Hoje pela manhãzinha, quando se tirava o leite, eu falei a ela a esse respeito, já acertei tudo. Dequi a momentos falaremos no assunto. Conforme disse, a festa na fazenda continuará — Amanhã é o dia das bodas de prata do Coronel.

**SEBASTIÃO** — O que é isso, Nhô Hemetério?

**HEMETÉRIO** — Depois lhe explicarei. — Conforme eu dizia, devido à festa virá muita gente da vila e da cidade, e a Rosinha quer aproveitar a ocasião para atear fogo no campo que faz divisa com o VALE DO BUGRE, afim de oferecer aos visitantes um espetáculo interessante. — A queimada iluminará toda aquela parte do chapadão — Coisa de menina rica, caprichosa e bonita.

**SEBASTIÃO** — Mais, eu não tô reclamando nada, só falei promóde alembrá.

**HEMETÉRIO** — Eu sei, Tião. — Chame uns quatro homens da colônia dos italianos, e mande terminar aquele aceiro...

**SEBASTIÃO** — É mió o sinhô mesmo chamá, porque aqueles italiano gosta de se fazé de "bêsta" comigo.

**HEMETÉRIO** — Está bem, póde ir seguindo, que eu vou tomar as providências.

**SEBASTIÃO** — (curioso) Queira desculpá, mais o que é aquele negócio que o sinhô falô de prata?...

**HEMETÉRIO** — É bodas de prata: faz amanhã 25 anos que o Coronel se casou com Dna. Sinhazinha.

**SEBASTIÃO** — Ah!... pensei que fôsse ôtra coisa, negócio de prata prá nós.

**ROBERTO** — (chamando) Seu Hemetério, seu Hemetério!

**HEMETÉRIO** — (contrariado) O que quer comigo? — Deve ter percebido, que eu não vou muito com a "sua cara".

**ROBERTO** — O mesmo acontece comigo, mas eu preciso falar-lhe.

**HEMETÉRIO** — Diga logo o que pretende, que eu não tenho a sua vida tenho muita coisa em que me ocupar...

**ROBERTO** — Sei disso, porém o senhor nada mais faz que sua obrigação. É régimento pago para tal. — É verdade que tem sabido corresponder, é competente, sincero e honesto.

**HEMETÉRIO** — Não tenho necessidade dos seus elogios, sei o que valho e o que sou...

**ROBERTO** — Muito bem, folgo com isso, pois assim não pensará que estou procurando lhe ser agradável — Estou simplesmente fazendo justiça — Dando a César o que é de César.

**HEMETÉRIO** — (Sem paciência) Vamos ao caso, o que há? Você hoje está falando como gente: estou admirado, encontrou com algum passarinho verde?...

**ROBERTO** — Nada de gracejos! O caso é muito mais sério do que pensa. Ontem, na Vila à hora em que chegámos, eu fui interpelado pelo António, sobre algo que você lhe falou. Já deve saber do que se trata.

**HEMETÉRIO** — Não interessa, não tenho tempo para perder.

**ROBERTO** — Mas, tem que me ouvir. — O assunto é com referência à Rosinha, entendeu agora?...

**HEMETÉRIO** — Você está se referindo ao Tónico, filho da Bina?

**ROBERTO** — Perfeitamente.

**HEMETÉRIO** — Já sei. O caso não tem a gravidade que lhe pretende dar. Efetivamente eu falei a êle, que gostava muito da Rosinha, e gosto mesmo. — Que mal poderá haver nisso?...

**ROBERTO** — Evidentemente, não há mal algum em se gostar de alguém, mas não foi unicamente isso o que você disse ao Tónico, filho da Bina. Entretanto não me interessa saber mais nada, já tirei minhas conclusões — Rosinha é unicamente 2

anos mais moça do que eu, digo, mais velha, aprendemos juntos as primeiras letras — Também eu a estimo muito, com a diferença de ser a minha estima por ela, muito diferente da sua...

**HEMETÉRIO** — [surpreso, porque, ainda não havia ouvido Roberto falar com aquela sobriedade] O que pretende dizer com isso?

**ROBERTO** — Nada... Já disse o que precisava dizer. O senhor não é nenhuma criança, tem duas idades da minha — falei alto e em muito bom tom.

**HEMETÉRIO** — Eu acho prudente darmos um ponto final nessa conversa.

**ROBERTO** — Ainda não terminei, estou quase no final — Sr. Hemetério: dóra avante vou tratá-lo de uma outra forma, embora nunca o tenha ofendido.

**HEMETÉRIO** — Isso são bobagens, eu nunca o tomei a sério...

**ROBERTO** — De uma maneira ou de outra, para o futuro quero ser respeitado e o mesmo farei eu. — O meu nome é Roberto; não pretendo ouvir mais, da sua boca, moleque ou negrinho, e sim Roberto. E, é só, Sr. Hemetério! [Com ironia] Felicidades!

**HEMETÉRIO** — [Semi-pasmado] Quanto mais se vive mais se aprende. — Veja só como está o negrinho cheio de conversa. — O que teria dito a ele o Tonico da Bina, aquêlê lingua de trapo? Na primeira oportunidade, eu lhe darei uma lição de mestre...

**CORONEL** — [Que ouvira o dialogo entre Roberto e Hemetério, aparece à porta da casa grande] O que é isso, Hemetério, já está falando sozinho? Mau sinal...

**HEMETÉRIO** — Bom dia, Coronel...

**CORONEL** — Bom dia, Hemetério.

**HEMETÉRIO** — Eu estava, ainda há pouco, conversando com o Roberto, cousa sem importância.

**CORONEL** — Pareceu-me vê-los exaltados...

**HEMETÉRIO** — [Sorriso forçado] Não, Coronel, bobagens! É que o Roberto é muito criança, parece até que lhe falta algum parafuso.

**CORONEL** — [Repelindo] Não prossiga, não deve prosseguir. — Apesar de ser o Roberto uma criança como diz, você não está sendo sincero, da maneira que foi ele com você.

**HEMETÉRIO** — Mas... em que sentido, Coronel?

**CORONEL** — Você sabe perfeitamente onde quero chegar — basta que eu lhe diga haver ouvido distintamente a conversa de ambos.

**HEMETÉRIO** — [embaraçado] Nesse caso eu devo dar uma explicação, afim de que não parem duvidas acêrca do...

— PASSOS —

**ROBERTO** — Coronel, o senhor não tem necessidade de alguma cousa da cidade? — Eu vou fazer umas compras para Dna. Sinhazinha.

**CORONEL** — É verdade, Hemetério... O Montebelo não mandou recado algum sobre as 3 vacas holandesas?...

**HEMETÉRIO** — Sim... terça-feira ele esteve aqui de passagem para a fazenda do seu Fernandinho, e disse-me que concordara com a proposta, e que o mais tardar sexta-feira traria as vacas.

**CORONEL** — Então é hoje?

**HEMETÉRIO** — Perfeitamente.

**CORONEL** — Nesse caso, Roberto, peça a Rosinha para encher um cheque de trinta e cinco mil cruzeiros, e traga-me para assinar.

**ROBERTO** — Sim, senhor. **(PASSOS APRESSADOS)**.

**CORONEL** — Entre pra dentro, Hemetério...

**HEMETÉRIO** — [Arrestando uma cadeira] Dá licença?... Conforme eu falava...

**CORONEL** — Vamos mudar de assunto: isso não interessa mais, mesmo porque eu já sei do que se trata — Se houvesse necessidade de uma satisfação, eu saberia pedi-la — O que me interessa é algo sobre o movimento da fazenda durante a minha ausência.

— PASSOS QUE SE APROXIMAM —

**ROBERTO** — Pronto, Coronel, aqui está o cheque.

**SONOFONIA**: — Ruído característico de quem assina papel.

**CORONEL** — Pronto, Roberto, está assinado; vá no cavalo pampa que será mais rápido.

**ROBERTO** — Sim, senhor; até logo.

**HEMETÉRIO** — [cheio de cuidados] O Coronel não acha perigoso, ir Roberto retirar tanto dinheiro no Banco...

**CORONEL** — [Com displicência] Não tenha cuidado, vamos ao nosso assunto.

**SONOFONIA**: — Tropel de cavalo que se afasta.

**CORONEL** — Lá vai ele. Aquêlê rapaz vale ouro, e vai dar alguma cousa de bom: fez um ótimo exame. — Bem, passemos ao nosso assunto — Tudo em perfeita ordem, não é verdade, Hemetério?

**HEMETÉRIO** — Sim, Coronel, tudo correu ôtimamente bem, até

mesmo o cafezal já está todo coroado — Ante-ontem percorri o campo, passando uma revista no gado — Encontrei mais oito bezerras novos, já os trouxe para o mangueirão.

**CORONEL** — São das vacas de raça?

**HEMETÉRIO** — Sim, senhor, uma delas é aquela que o senhor comprou do Juventino.

**CORONEL** — E a roça?...

**HEMETÉRIO** — Está toda limpa, o pomar está uma beleza, o chiqueirão está super-lotado, 12 capados na sava, o capado grande matei ontem... ah!... temos também 12 porcas com cria nova.

**CORONEL** — Fez pagamento ao pessoal?...

**HEMETÉRIO** — Só falta pagar a semana que vence amanhã.

**CORONEL** — O paiól está cheio? Tem havido troca de fubá? outra cousa, tem lambicado?

**HEMETÉRIO** — Tem-se feito tudo: troca de fubá só se fez com os colonos, também lambicámos um pouquinho.

**CORONEL** — Muito bem, Hemetério, meus parabéns! Você é um braço direito que eu tenho na fazenda.

**HEMETÉRIO** — Também, Coronel, devemos muito aos empregados. — São todos ótimos cumpridores do dever: o único resingueiro que temos aqui é o Militão, mesmo assim, quando lhe chamo atenção obedece.

**CORONEL** — De fato não é mau, é a pinga que atrapalha o Militão.

**HEMETÉRIO** — Conforme o Sr. acabou de ouvir, de todo o serviço que ficou por fazer quando da sua partida para a capital, o único que não foi feito totalmente, é o do aceiro para fazer a queimada do campo que divisa com o Vale do Bugre. — Mesmo esse deve terminar hoje: o Tião está lá com 5 homens.

**CORONEL** — É verdade, a Rosinha quer que se ponha fogo naquele campo, amanhã à tarde.

**HEMETÉRIO** — É sim, senhor, ela me falou ontem à noite; logo que chegou à fazenda, foi a sua primeira recomendação.

**CORONEL** — Vamos tomar um cafézinho.

**HEMETÉRIO** — Isso, Coronel, é cousa que a gente não enjeifa.

**CORONEL** — (chamando alto) Indalécia, traga café para dois, (noutro tom) você não quer comer alguma cousa?

**HEMETÉRIO** — Não senhor, Coronel, já estamos quase na hora do almoço.

**CORONEL** — É isso mesmo; nesse caso vamos suspender o café e tomar um "traguinho" da lourinha, lambicada o ano atrasado; está aí mesmo atrás, apanhe, Hemetério. (chamando alto) Indalécia... suspenda o café.

**SONOFONIA:** — Ruidos de uma garrafa que se abre e dois copos que se chocam.

### PEQUENA PAUSA

**HEMETÉRIO** — (Estalando a língua após haver tomado a cachaça) Está ótima, Coronel.

**CORONEL** — Está boa, sim. Se o Militão consegue um litrozinho dessa, hein?

**HEMETÉRIO** — Seria capaz de tomá-la de um só trago, com receio de ser necessário oferecê-la a mais alguém.

**CORONEL** — Coitado do Militão, é uma boa alma. — Se não fôsse a bebida, seria um ótimo auxiliar para você; o "danado negro" conhece, de tudo, um pouco.

**HEMETÉRIO** — Não há dúvidas. A instalação elétrica da fazenda foi quase toda obra dele; o engenheiro que o Sr. trouxe da cidade determinava e ele executava.

**CORONEL** — É? Não sabia disso.

**HEMETÉRIO** — Pois foi! O engenheiro quis levá-lo para Belo-Horizonte, e depois para S. Paulo. Ele não quis, disse mesmo que não sairia da fazenda para parte alguma.

**CORONEL** — É. O mundo é mesmo assim... Deus sabe o que faz, nós é que não sabemos o que dizemos... Eu, Hemetério, sou um profundo admirador da gente negra brasileira, não faço mais por ela, porque tenho um certo receio.

**HEMETÉRIO** — O senhor tem suas razões, Coronel; essa gente não serve. — São demasiadamente rebeldes, e vezes há que são até ingratos: não sei o que mais pretendem na vida.

**CORONEL** — Não diga isso, Hemetério; você está muito longe de compreender o sentimento do negro. — Oportunamente, mudemos de assunto — Você aonde vai agora?...

**HEMETÉRIO** — Vou dar uma voltazinha por aí, em seguida irei dar uma olhadela naquele serviço do aceiro — Quem lá está, sabe o que faz; é o Tião, conforme já lhe falei, mas eu sou como São Tomé.

**CORONEL** — Muito bem, Hemetério, é o senso da responsabilidade; aliás desde garoto, você demonstrava essa qualidade, até nas pequeninas cousas — Já tomei bastante o seu tempo. — Vai agora para a colônia dos italianos?...

**HEMETÉRIO** — Sim, senhor.

**CORONEL** — Nesse caso, me fará um favor...

**HEMETÉRIO** — Com muito prazer.

**CORONEL** — Diga ao Tião, que prepare o Tordilho que eu pretendo dar um passeio no cafezal... (pausa) Escute, Hemetério... Segundo percebo, parece-me que vai haver um pagódezinho por aí, não é assim?

**HEMETÉRIO** — Perfeitamente, Coronel; é em homenagem ao

seu aniversário de casamento — As sanfonas já estão sendo desempoeiradas, os preparativos estão sendo ultimados — Em quase todas as casas da colônia os fôles têm tido trabalho desde ontem.

**CORONEL** — São bondades dessa gente. Sinto-me satisfeito com isso, não pela razão da homenagem, e sim porque é essa uma demonstração de que também eles estão satisfeitos na fazenda.

**HEMETÉRIO** — E nem podia ser doutra maneira.

**CORONEL** — Está bem, vá, Hemetério. Não se esqueça do cavalo.

**HEMETÉRIO** — É para logo?

**CORONEL** — Um pouco antes das 11, está bem. — Até mais logo.

**HEMETÉRIO** — Até logo, Coronel.

**SONOFONIA:** — Tropel de cavalo que se aproxima.

**CORONEL** — (Falando a Roberto) Já de volta, Roberto?...

**ROBERTO** — É verdade, poderia estar aqui antes: a demora foi do Banco, tinha muita gente.

**CORONEL** — Entregue o dinheiro a Rosinha: ela já sabe para que fim é. — Quanto a você prepare o recibo para o Montebelo assinar. — Eu vou até o manguieirão, mas não me demorarei, porque vou dar um pulo ao cafezal.

— PREFIXO DA EMISSORA —

Final do primeiro ato — CORTINA

**LOCUTOR:** — Vamos prosseguir com o nosso teatro pelos ares — Ouviremos agora o segundo ato de VITIMAS DO PRECONCEITO, original do escritor bandeirante ISALTINO VEIGA DOS SANTOS.

## SEGUNDO ATO

**SONOFONIA:** — Passos que se aproximam.

**SINHAZINHA** — Fiquei a tua espera para o almoço, até as duas horas. Resolvi depois almoçar — aliás almoçámos.

**CORONEL** — Fizeram bem, eu saí com a intenção de ir unicamente ao cafezal: resolvi depois visitar a colônia: estou satisfeito; tudo encontrei em perfeita ordem, limpinho e bem cuidado.

**SINHAZINHA** — E o cafezal?

**CORONEL** — Todo capinado e já corôado, as replantas foram todas feitas; está todo ôle carregadinho. Se Deus quiser teremos boa colheita.

**SINHAZINHA** — Jamais esperei outra cousa. — Com a graça de Deus. E estamos bem servidos de trabalhadores.

**CORONEL** — Evidentemente, Sinhá, você tem razão, mas não é menos verdade haveremos correspondido à altura a êsse apêgo que eles dispensam às nossas cousas.

**SINHAZINHA** — É, sim... e eu me sinto bem quando posso ser útil a êles. Já não têm mais conta os afilhados que nos arranjaram dentro da fazenda, e mesmo fóra dela (p a u s a) É verdade, você quer almoçar?...

**CORONEL** — Não; eu comi, na casa do Tião, um deliciosíssimo prato de curáu com queijo e estou satisfeito como se tivesse almoçado. — Daqui a pouco tomerei uma xicarazinha de café e estarei alimentado para esperar o jantar.

**SINHAZINHA** — Você precisa de uma vez por todas acabar com isso. Parece criança; fica lambiscando e, quando chega a hora da refeição, não come; isso não lhe faz bem.

**CORONEL** — Está certo, Sinhá, mas não pude resistir à tentação. O curáu estava tão gostoso, basta dizer que foi feito pela Zefa.

**SINHAZINHA** — (com interesse) Estava bom mesmo?...

**CORONEL** — Ótimo, deliciosíssimo, uma "cousa louca"!

**SINHAZINHA** — (censurando) Que termos, Pantaleão! (chamando) Alceste.

**SONOFONIA:** — Passos de quem corre para atender.

**SINHAZINHA** — Alceste.

**ALCESTE** — Pronto, Sinhazinha.

**SINHAZINHA** — Olha, meu bem, dê um pulinho ali, na casa da Zefa, diga-lhe que me mande um pouquinho de curáu, e que venha aqui à tardinha que eu preciso falar-lhe.

**ALCESTE** — Sim, senhora. (passos de quem se retira).

**CORONEL** — Ficou com água na boca hein?...

**SINHAZINHA** — Também, da maneira que você falou, eu tinha mesmo que ficar.

— P A S S O S —

**ROSINHA** — (cantando) Você nem sabe, como é bão vivê... (falando) Confidências hein?...

**SINHAZINHA** — Nada, teu pai falava sôbre o curáu da Zefa.

**ROSINHA** — Onde está, quero também um pouquinho, mamão.

**SINHAZINHA** — Quando a Zefa mandar eu lhe darei um pouquinho.

**ROSINHA** — (gracejando) Desculpinha, mamão, estavam af conversando segredinhos...

**SINHAZINHA** — Nada, minha filha — Nós não temos segredos. Nossa vida, foi, é, e continuará sendo um livro aberto, cuja leitura é franqueada a todo aquêlle que se fizer digno da nossa amizade.

**ROSINHA** — BUNITO!

**CORONEL** — Sua mãe não gosta d'esses ditos da cidade, minha filha...

**ROSINHA** — A mãezinha tem razão, meu pai, mas eu só os emprego na intimidade, não é, mamãe?

**SINHAZINHA** — Deve entretanto saber, minha filha, que **O USO DO CACHIMBO DEIXA A BOCA TORTA**.

**ROSINHA** — Compreendi, mamãezinha, mas não tenha cuidado; o cachimbo não entortará a boquinha de sua filhinha...

**CORONEL** — Então, minha filha... o que tem para mim?... Já fez algo de ontem para hoje?

**SINHAZINHA** — Essa menina ainda não parou um minuto: ela e o Roberto tôda a manhã não fizeram outra coisa a não ser: — Conferir contas, escriturar livros, queimar papéis velhos, contar dinheiro etc. Foi uma luta trazê-los à mesa para almoçar.

**CORONEL** — (beijando Rosinha na testa) Você, Rosinha, vale muito mais do que tôdas as minhas fazendas juntas.

**SINHAZINHA** — Nada há para admirar... Puxou a mãe.

**CORONEL** — E o pai também.

**ROSINHA** — (semi-amuada) Está tudo muito bem, mas do Roberto o senhor se esqueceu, não é assim?... Que ingratidão, paizinho!...

**CORONEL** — Não diga isso, filhinha! — Roberto merece a consideração de todos desta casa porque tem valor e fez jus a essa estima que lhe devotamos — É um **NEGRO DE ALMA BRANCA**.

**ROSINHA** — (com receio) Papai, eu desejava fazer uma refutação às suas ultimas palavras, entretanto receio que o possa aborrecer e...

**CORONEL** — Absolutamente, pode falar filhinha; entre nós, não pode e nem deve haver reservas — a franqueza é uma qualidade nobre.

**ROSINHA** — A minha refutação, meu querido paizinho, com a sua devida vênia, prende-se às suas últimas palavras referindo-se ao Roberto: — **NEGRO DE ALMA BRANCA** — A alma, como todos nós sabemos, não tem côr, é espiritual e consequentemente impalpavel — Essa maneira de dizer, muito longe de agradar, diminui e humilha a pessoa assim qualificada — Anatômicamente somos todos iguais — a única diferença existente entre o branco e o negro, é sem duvida a pigmentação. — No Roberto nem mesmo isso eu noto: acho-o tão igual a mim, e às vezes (porque não dizer)

superior. Devo, entretanto, dar uma explicação nesse sentido. — O senhor creou-o como filho, educou-o, deu-lhe instrução; é elle tão grato a tudo isso, que chega a exagerar a sua felicidade (dêle) e os beneficios que do senhor tem recebido — Vou dizer mais; por esse motivo, tem elle sopitado máguas que não nos dizem respeito, mas que entretanto o têm feito sofrer moralmente.

**SINHAZINHA** — Não atino com o que possa ser. O Roberto é muito fino para ser maltratado por alguém.

**CORONEL** — Não há dúvida. — Possui todas as qualidades que se podem exigir de uma creatura da sua idade — Em parte eu ignoro o que você acaba de dizer; não compreendi bem as suas ultimas palavras...

**ROSINHA** — Vou dar detalhes, porém peço, paizinho, que nada diga ao Roberto. — Ontem, quando trabalhávamos juntos no acôrto da escrita e outros afazeres, notando eu o seu semblante anuviado, perguntei-lhe se estava doente, e como resposta obtive o seguinte: —

— C O R T I N A —

**ROBERTO** — Rosinha, eu não estou doente, e sim, muito contrariado. — É o mesmo que doença porque são sofrimentos íntimos, que, talvez... não sei, não sei mesmo se deva dizer, se deva falar.

**ROSINHA** — Não vejo razões nem motivos para que tenha segredos para mim.

**ROBERTO** — Não é bem isso, Rosinha... mas... Está bem, eu falarei, e, se merecer recriminação da sua parte, pode fazer; eu quero que use de franqueza, porque eu sempre soube ser franco.

**ROSINHA** — Está me deixando curiosa: prossiga, Roberto.

**ROBERTO** — Aqui na fazenda, e mesmo fora dela, todos me tratam bem e com certa distincção, desde o seu pai até o mais humilde trabalhador, e dentro dos meus conhecimentos e possibilidades, tenho prazer em poder ser útil a todos. — Tudo isso não vem ao caso. — Embora sendo assim, por mais que eu procure, não encontro os motivos de haver o Sr. Hemetério implicado comigo ao ponto de, em hipótese alguma, me chamar pelo nome. — É sempre, negro, negrinho, moleque ou coisa idêntica. — O que posso afirmar é não ser merecedor desse desprezo. — Sempre o tratei bem, sempre o respeitei. — É um rapaz honesto, inteligente e trabalhador. — O crescente progresso da fazenda é fruto de uma particula do seu esforço. — Seu pai tem necessidade dêle; até aí está tudo muito bem — Agora, nunca lhe fiz mal algum, e elle só se dirige a mim da maneira que lhe falei;

chama-me também de "chaleira" etc. Ora, eu sempre procurei disfarçar para não me aborrecer; todavia, ontem não pude mais sopitar a mágoa que me avassalava e chamei-o à ordem porque ele falou algo a seu respeito ao Tonico, filho da Bina.

**ROSINHA** — Meu nome, para o filho da Bina, em que sentido?

**ROBERTO** — Sim, não foi nada de mal, mas disse ao Tonico que gostava muito de você, que você era muito boa, que ele tinha uma esperança etc. — Fiz-lhe ver a minha contrariedade por haver ele tocado em seu nome, e terminei exigindo que se acostumassem a me tratar de uma outra maneira, porque nada mais existia de comum entre nós, eu e ele.

**ROSINHA** — Não deve dar importância a isso — Você parece criança.

**ROBERTO** — (interrompendo) Não, Rosinha, percebo que também você não me está tomando a sério, (noutro tom) de uma cousa, porém, quero que tome boa nota: — Quero muito bem a você, assim como a todos da sua família, mas dóra avante não mais admitirei chalaças do Sr. Hemetério. — Já me avizinhou dos 17 anos, já não sou uma criança, vejo a vida e as suas cousas de uma outra maneira — Já sou um homem, tenho deveres a cumprir e souso de responsabilidade — Não posso admitir menosprezo à minha pessoa. — Mereço respeito porque sei respeitar.

**ROSINHA** — Tem razão, meu bem, você já lhe falou, e naturalmente dóra avante ele não mais fará o que tem feito.

**ROBERTO** — Foi justamente o que julguei após haver forçado o entendimento com ele; entretanto não foi o que se deu — Na minha volta do Banco, vi-o no Vale do Bugre — Vendo-me gritou: — Como é, moleque, não fez bobagens com o dinheiro do patrão?

**ROSINHA** — Qual foi a sua resposta?

**ROBERTO** — Nenhuma, nem mesmo para a direção em que ele estava eu olhei embora houvesse sentido uma vontade de ir ao seu encontro para uma explicação... Pedi a Deus que não me deixasse faltar a calma e prossegui com uma dor horrível dentro de mim.

**ROSINHA** — Isso é demais (indignada) eu vou falar a...

**ROBERTO** — (interrompendo) Não, nada diga a ninguém... promete, não é verdade?...

**ROSINHA** — Sim, mas...

**ROBERTO** — Nada dirá, não é assim?...

**ROSINHA** — Não sei.

**ROBERTO** — Prometa-me que nada...

**ROSINHA** — Não, não posso...

— CORTINA —

**CORONEL** — Eu já tinha conhecimento disso, desconhecia porém a "piada" jogada pelo Hemetério, quando do regresso do Roberto. De fato foi um tanto pesada.

**SINHAZINHA** — É sim, Pantaleão; você precisa falar com o Hemetério. Isso não fica bem. Que história é essa! Que mal lhe fez o Roberto? Ele sabe respeitar, por isso mesmo merece respeito — ademais é um filho da casa, e nós não podemos admitir que o molestem.

**CORONEL** — (serenando as cousas) No momento nada direi ao Hemetério, procederei como se nada soubesse, atendendo mesmo ao pedido do Roberto à Rosinha — Aguardarei os acontecimentos — Hoje estão em festa, não quero, mesmo que indiretamente, tornar-me um "desmancha prazeres".

**ROSINHA** — É isso mesmo, paizinho. Se Deus quiser, tudo acabará bem.

**SINHAZINHA** — E nem poderá ser doutra maneira, minha filha. Dos males sempre é preferível o menor quando não haja meios de evitar ambos.

**ROSINHA** — BUNITO!

**SINHAZINHA** — (censurando) Minha filha.

**CORONEL** — Olhe, minha filha, cuidado que a boquinha entorta hein!

**ROSINHA** — (beijando a mãe) Ficou zangada, mamão?

**SINHAZINHA** — Não, minha filha.

SONOFONIA — Uma sanfona solando ao longe.

— PASSOS —

**CLÁUDIO** — Abença, minha mãe — abença, meu pai.

**CORONEL E SINHAZINHA** — (ao mesmo tempo) Deus o abençoe, meu filho.

**CLÁUDIO** — Hoje, por todos os recantos da fazenda, não se ouve senão toque de sanfona... Boa tarde, minha rica irmã, desculpe a distração, não a tinha visto.

**ROSINHA** — Boa tarde, Cláudio! anda arredio, desde manhã que não o vejo.

**CLÁUDIO** — É verdade, fui à cidade visitar uns amigos, e depois.

**ROSINHA** — E também algumas amiguinhas...

**CLÁUDIO** — É indiscreta, hein mana!

**ROSINHA** — Não sei porque, não vejo indiscreção alguma: é a cousa mais natural do mundo. Você é moço, bem parecido, portanto não lhe faltam moças. Não é verdade, mamão?

**SINHAZINHA** — É sim, minha filha; mas sabem o que mais,

vamos tratar da janta. . . Daqui a pouco a casa ficará cheia, e não teremos mais tempo. . . [pausa] É verdade. . . não providenciámos nada para essa gente!

**ROSINHA** — Quem foi que lhe disse, minha mãe? E a sua filha o que estava fazendo? . . . Está tudo providenciado, até cervejas eu mandei comprar. — Venha comigo até à dispensa que eu lhe mostrarei.

(PASSOS DE DIVERSAS PESSOAS)

**SINHAZINHA** — Vamos jantar. (chamando) Indalécia, ponha a mesa.

**SONOFONIA**: — Ruidos característicos de: — pratos e copos que se chocam, garrafas que se abrem, talheres etc.

— C O R T I N A —

**SONOFONIA**: — (Uma quadrilha tocada a sanfona como fundo musical).

**ROBERTO** — Sr. Pantaleão, Dna. Sinhazinha, Sr. Cláudio, Senhorinhas Rosinha e Alceste e demais presentes. — Depois de muita insistência de grande parte dos colonos da fazenda, não pude deixar de aceitar embora contra-feito a incumbência de falar em nome dos mesmos nesta demonstração espontânea de amizade que todos lhe dedicam e a sua família — Comemorando-se hoje as suas bôdas de prata, quiseram todos que aqui mourejam deixar bem patente a gratidão que lhes é devida, por tudo quanto de V. S. e de sua família tem recebido — Outrossim, pediram que mencionasse o nome do Sr. Hemetério, que tem sabido conduzi-los com capacidade e carinho, contribuindo assim para o crescente progresso deste abençoado "CHÃO", que recebeu dos seus antecedentes o acertado nome de **Fazenda da Promissão**.

**VOZERIO**: — Viva. . . Muito bem. . . Viva o Robertinho.  
Vivão.  
Viva o Coronel e família. . . vivão.  
Viva Nha Rosinha. . . vivão.  
Viva todo o mundo. . . vivão.

**FUNDO MUSICAL**: — Musica sertaneja.

**SEBASTIÃO**: — Agora, conforme nós arrezovemo' onte, o Nho Esiquia, o meió tocado de sanfona que exeste nesta redonda, vai tocá uma valsa com a sua 48 baixo. Todo mundo vai fazê rida, o tem vai conegá a dança é o Coronel e Nha

Sinhazinha, depois intão os outro acumpanha, Póda riscá o fóle, Nho Esiquia.

**CONTROLADOR**: — Toca a valsa pedida em solo de concertina — Tocada a primeira parte, transforma-la em fundo-musical.

**SONOFONIA**: — Ruido no assoalho: — Pares dansando.

**CORONEL** — A apólice que eu comprei para vocês deve entrar em sorteio nos ultimos dias deste mês.

**SEBASTIÃO** — Nós conhecemo, Coroné, a boa vontade do sinhó, mais quem nasceu pra **dérreis**, não chega a **tustão**.

**SINHAZINHA** — Deus é que sabe, Tião.

**SEBASTIÃO** — Isso é. . .

**CORONEL** — Como é, não vai haver desafios hoje? . . .

**SEBASTIÃO** — Tá no **porgama**, mais o Militão até agora num pareceu.

**HEMETÉRIO** — Nem aparecerá, desde ontem anda êle numa "ÁGUA" danada.

**SEBASTIÃO** — Êle já tá meió, Nho Hemetério, agora tá curando a ressaca.

**HEMETÉRIO** — Dão-me licença que eu vou dar uma rodada, o baile parece animado.

— P A S S O S —

**SONOFONIA**: — Palmas e vozerio ao longe.

— C O R T I N A —

**SINHAZINHA** — Você ontem "tirou o vento da miséria" hein Pantaleão? . . . Dansou a valer.

**CORONEL** — É verdade, Sinhá, ontem eu vivi o meu passado, eu estava deveras satisfeito — não era para menos, um ambiente todo de sinceridade — Conforta a gente — Há vinte anos que eu não fazia isso, passar uma noite em claro. . .

**ROSINHA** — Mas, também, paizinho. . . está com uma cara!

**CORONEL** — Na minha idade, não é para admirar, você viu como eu dansei. . . Viu também como se marca uma quadrilha?

**ROSINHA** — De fáto, nunca julguei que o sr. desse **PARA A COUSA**, eu faço idéia, uns trinta anos atrás, o que não faria!

**SINHAZINHA** (levemente irônica) É organo, minha filha; seu pai teve uma mocidade trabalhosa: — Com 23 anos perdeu o pai, e foi obrigado a assumir todos os negócios da família, inclusive a direção de seis fazendas — Não lhe sobrou tempo para troças ou brincadeiras.

**ROSINHA (penalizada)** Mas não lhe faltou tempo para procurar a mãezinha, não é assim?...

**SINHAZINHA (displicentemente)** Não teve muito trabalho! nós éramos vizinhos... (com meiguice) e agora chega, minha bisbilhoteira, vamos dar uma arrumação nesta casa.

**ROSINHA** — Só falta mesmo é aqui; lá, por dentro, a Alcosta, a Indalecia e também eu já arrumamos.

**SINHAZINHA** — Bem, deixemos isso, e passemos agora a falar de cousas sérias.

**ROSINHA** — Nesse caso, querem ficar a sós, não é? ... eu me retiro.

**SINHAZINHA** — Não ha necessidade, é mesmo a respeito de todos vocês que eu vou falar — Já lhe disse, minha filha, que nós não temos segredo. (noutro tom) Pantaleão, qual a sua opinião com referência à continuação do estudo das creanças?

**CORONEL** — Eu tenho pensado nisso, vou consultá-los e falar-lhes com toda sinceridade o que sinto e o que penso.

**SINHAZINHA** — Não se esqueça de falar categoricamente com o Cláudio. — Não pôde ele continuar na vida que vem levando. — Dois anos seguidos, reprovado, a mezada nunca chega — ele está emagrecendo a olhos vistos... Se ficasse na fazenda, ainda que nada fizesse, era preferível.

**ROSINHA** — Quer que eu lhe fale, mãezinha?

**SINHAZINHA** — Não, meu bem, isso é cousa muito séria, e pertence a seu pai.

— P A S S O S —

**CLÁUDIO** — Todos reunidos, parece até um Conselho de Família. — Só estão faltando os dodóis da casa: — O negrinho e a negrinha.

**SINHAZINHA** — Não fale assim, meu filho, você sabe que eu os estimo como filhos. — Esse seu modo de se expressar só nos pôde aborrecer.

**ROSINHA** — Também eu, meu irmão, fico aborrecido quando você os trata dessa maneira. — Eles são tão bonzinhos e são seus amigos.

**CLÁUDIO** — Não me interessa a amizade deles. — Amigos não me faltam, gente fina e de posição social invejável. — Não posso mentir a mim proprio. — Não só você como papai e mamãe, sabem que eu não gosto dessa gente. — Não gosto de negros.

**ROSINHA** — Eles não são totalmente negros, são...

**CLÁUDIO** — Escapou de branco, negro é, o resto é conversa...

**CORONEL** — (interrompendo) Basta! Quanto mais estuda, mais ignorante se torna. — Não passa de um pretensioso,

de um imbecil — não sei a quem puxou. — Sinto-me envergonhado ao ouvi-lo falar dessa maneira.

**CLÁUDIO** — Então, simplesmente por eu não gostar de...

**CORONEL** — (interrompendo) Basta! já lhe disse. — Já tem, é verdade, 22 anos, é emancipado, contudo deve respeito a mim e a sua mãe — ainda não morri. — Quem manda aqui sou eu: ordeno pois que se trate com urbanidade às pessoas que me são caras, mormente quando essas pessoas fazem jus à estima que lhes devotamos...

**ROSINHA** — (chorosa) Meu Deus, que infelicidade, coitado do Roberto.

**SINHAZINHA** — (comovida) É isso mesmo, minha filha, é muito infeliz todo aquele, que não sabe reconhecer o bem que lhe fazem.

**CLÁUDIO** — Percebo que são todos contra mim; sendo assim, me considero demais.

**CORONEL** — Perfeitamente, e continuará sendo demais nesta casa que também é sua, enquanto não reconhecer a mesquinhez dos seus sentimentos, com relação a quem vale muito mais do que você.

**CLÁUDIO** — (cínico) Queira Deus que não se arrependa de tanta filantropia.

**CORONEL** — És um cínico! devias ter vergonha. — É preciso que seibas ainda, que não fôra essa peça arrancada do seu berço netal, e para cá transportada nos porões dos infectos navios negreiros, teus avós não teriam podido deixar tudo quanto hoje possuo. — Não poderias esbanjar de maneira que vens esbanjando (com ironia). Não terias os amigos finos e de posição que arranjaste, porque em verdade eles são amigos do teu dinheiro, e naturalmente, tolos, petulantes e preconceituosos como tu.

**CLÁUDIO** — Mas, não está em mim essa cousa de...

**CORONEL** — Não te quero ouvir mais, já estou farto das tuas atrapalhadas, estou ao par das tuas estroinices, prova isso a tua reprovação dois anos seguidos. — Vamos acabar com essa vida de mentiras. — Não és nenhuma creança. — Ou uma cousa ou outra: — Ou estudas, ou trabalhas. — Não lamento o dinheiro que tens consumido sem proveito. — Sinto-me envergonhado entretanto. — És um homem, é um homem de brio não procede da maneira que tens procedido. — No mês passado peguei no Rio uma conta tua na importância de trinta e nove mil e quinhentos cruzeiros, dinheiro esse naturalmente dispendido em farras com os TEUS AMIGOS. — Isso não se dará mais. — Resolve, pois: é esta a tua ultima oportunidade.

**CLÁUDIO** — Eu vou-me embora...

**SINHAZINHA** — Para onde? Acha ainda que seu pai não tem

razão? É pouco o que você tem feito para nos sub-receber?

CLAUDIO — Eu vou terminar meus estudos, mesmo porque só faltam dois anos.

CORONEL — Está certo, trata disso, conforme já te falei. É esta a tua última oportunidade, e eu não transigirei mais.

CLAUDIO — [saíndo] Vou lá para dentro, dão licença — PASSOS.

ROSINHA — Coitado do Cláudio! Que infelicidade! Como é orgulhoso.

SINHAZINHA — Não te a quem puxou.

CORONEL — Isso é a companhia, são os bons amigos, mas agora acabou.

SINHAZINHA — Se Deus quiser ele tomará juízo, eu perdi o Deus.

ROSINHA — Eu também, mamãe.

CORONEL — Minha filha, chame o Roberto e a Alceste. — Quero deixar tudo resolvido hoje.

ROSINHA — Sim senhor, papai. PASSOS.

SINHAZINHA — Que vai fazer?

CORONEL — Nada receie! Ele nada saberá do que se passou aqui. O assunto é outro.

— Passos de Rosinha, Alceste e Roberto —

ROSINHA — Aqui estão, papai.

ROBERTO e ALCESTE [ao mesmo tempo] A suas ordens, padrinho.

CORONEL — Roberto, eu o mandei chamar para resolver assunto de seu interesse.

ROBERTO — Estou às suas ordens, padrinho.

CORONEL — Eu tenho necessidade de você aqui na fazenda, mas reconheço também a vontade que você tem de concluir o curso de engenharia.

ROBERTO — Não há dúvida padrinho, mas eu ainda estou muito moço, e antes de mais nada confio no senhor. O que o padrinho resolver é que prevaleça. — A sua resolução será por mim acatada sem qualquer ressentimento.

CORONEL — Eu sei disso, Roberto, muito obrigado, mas já estava resolvido por mim: você vai terminar os seus estudos. De maneira alguma eu poderia prejudicar a sua carreira. Caso eu assim procedesse, no futuro você me poderia censurar e com razão.

ROBERTO — Não padrinho... eu.

CORONEL — Escute-me.

ROBERTO — Sim, senhor.

CORONEL — Nada lhe falta, graças a Deus; você tem tudo,

mas... o mundo dá muita volta, não podemos adivinhar o amanhã da nossa vida — Você possui intactos, é verdade, depositados no Banco por mim, oitenta mil cruzeiros — É um bom começo de vida — Entretanto amanhã esse dinheiro pôde acabar — e a instrução... essa fica e morre com quem a possui. — Quero pois que termine o seu curso — Vá se preparando; deve seguir para São Paulo, dentro de 15 dias o mais tardar.

ROBERTO — Está bem, meu padrinho, muito obrigado; eu saberei ser grato.

CORONEL — A essa respeito nunca tive dúvidas.

ROBERTO — Muito obrigado... Eu vou sentir tantas saudades.

SINHAZINHA — Também nós, Roberto; contudo nem sempre é possível matar-se dois coelhos de uma só cajadada — Vai ser difícil mas, tem que ser assim.

CORONEL — E você, Alceste?

ALCESTE — Eu, meu padrinho, conforme o senhor já deve estar ciente, dentro de quatro semanas terminarei o meu curso de corte e costura e nada mais ambicioso.

CORONEL — Muito bem... [falando a Rosinha] Para você também este é o último ano, não é, minha filha?

ROSINHA — Sim, senhor, meu ilustre paizinho, e serei a perfitecontadora das Fazendas Reunidas Promissão. — Posso-lhe fazer um pedido, meu pai?

CORONEL — Que pergunta, minha filha!... naturalmente.

ROSINHA — Em Belo-Horizonte há também Escola de Engenharia. O Roberto poderia estudar lá; assim aliviava um pouquinho as saudades, estaríamos sempre juntos.

CORONEL — Infelizmente, minha querida filha, não posso atender o seu pedido — simplesmente porque S. Paulo possui uma das melhores escolas de engenharia do Brasil e quiçá da América do Sul — sendo ainda a cidade, o Maior Centro Industrial da América Hispânica — Sendo assim o Roberto terá um campo mais vasto e mais propício mesmo para o seu desenvolvimento científico e prático.

SINHAZINHA — Mas dizem também, Pantaleão, que, S. Paulo é: terra de muito orgulho, muito preconceito.

CORONEL — Essa questão de preconceito racial, há de fato em todo o Brasil, em alguns estados mais do que em outros, notando-se mais nos estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e S. Paulo, contudo o negro que tenha fibra de lutador só tende a vencer.

ROSINHA — A semana passada, eu li algo a respeito de uma organização de homens de cor de S. Paulo, com ramificação em todo o Brasil, e cuja finalidade era cultural e de combate ao preconceito racial.

**ROBERTO** — Era a Frente Negra Brasileira, mas já desapareceu, por falta exclusiva de compreensão dos próprios elementos da raça e de alguns despeitados: mesmo assim, muita coisa conseguiram das autoridades — aliás, José do Patrocínio, o grande tribuna e abolicionista negro já dizia naquela época: **"o maior inimigo do negro é o próprio negro"**.

**ROSINHA** — Em todo caso, Roberto, o elemento de cor no Brasil não sofre os rigores do preconceito racial como os da América do Norte, onde existe categoricamente a separação entre pretos e brancos.

**ROBERTO** — É o que parece, Rosinha. Na América do Norte, os negros não sentem absolutamente o que sentem os do Brasil — A luta que lá se feriu, para a conquista da liberdade, foi muito séria, foi ciclópica.

**CORONEL** — Também no Brasil, não foi com muita facilidade que conseguimos a liberdade dos seus antepassados.

**ROBERTO** — Eu sei disso, padrinho, e chegarei até lá; o senhor me desculpará entretanto, caso, na minha exposição, eu venha contrariar alguns dos seus pontos de vista.

**CORONEL** — Nada disso, eu fico satisfeito vendo que você tem aproveitado os estudos; sobretudo é uma das razões para que reconheça a nossa sinceridade.

**ROBERTO** — Efetivamente, padrinho, eu sou mais ou menos feliz tenho de meu o que muito branco não conseguiu em em toda a sua vida; entretanto, não sou egoísta, não posso julgar todos por mim — Sei que existem milhares de negros infelizes, sem instrução, sem emprego e sem educação — Outros existem com instrução e sem empregos porque são preteridos simplesmente pela cor — Na minha opinião, criminosamente anteciparam a liberdade do negro no Brasil.

**SINHAZINHA** — Você então desejava que sofressem mais do que sofreram?

**ROBERTO** — Sim, minha boa madrinha, baseado na lei da compensação — mesmo porque nós precisamos estar preparados para tudo, até mesmo para a morte.

**ROSINHA** — (admirada) Formidável.

**ROBERTO** — Eu não concibo que se pense dar liberdade a um pássaro que estivesse três anos ou mais preso no espaço limitado de uma gaiola — Esse pássaro não mais saberia voar, nem mesmo comer. — Ao tentar o seu primeiro voo de liberdade, cairia fatalmente nas garras do primeiro bichano que o surpreendesse — A mesma coisa aconteceu com a gente negra brasileira, que vinha há quatrocentos e tantos anos quase, trabalhando de graça para os seus senhores debaixo do azorrague — A única noção que tinham de liberdade era: — **não mais trabalhar**. Essa gente deveria ser preparada para a liberdade, era esse o pensamento

de Zumbi, quando organizou a República de Palmares na Serra da Barriga em Alagoas divisa com Pernambuco: era esse também o pensamento de Isabel quando veio o 1889...

**ROSINHA** (admirada) República naquela época?...

**ROBERTO** — Nóto, Rosinha, que você pouca coisa conhece com referência à verdadeira história da Abolição da Escravatura no Brasil.

**ROSINHA** — Pelo menos nessa parte... República dentro da Monarquia Portuguesa?...

**ROBERTO** — Sim... os negros de varios pontos no norte do Brasil arriscando suas vidas, fugiam dos seus senhores, atraídos pelo canto da liberdade entoadado por Zumbi, o admirável negro que fundou Palmares, a República que durou o mesmo tempo do Imperio — 67 anos — A República Palmarina, dominou 68 léguas, chefiando Zumbi trinta mil almas — Aniquilou diversas expedições que foram combatê-lo. — A sua República era tão forte, que fez tratados com o Metrópole, como se fosse uma nação livre. Mauricio de Nassau, mandou diversas carevanas armadas para destruir as fortificações de Palmares — Anos e anos o heroico Zumbi, enrijecido pelo seu acentuado amor à Liberdade e à sua gente, destroçava as tropas do governo — Não foi vencido porque se suicidou quando se viu vencido.

**ROSINHA** — Quer dizer então que a liberdade dos negros escravos no Brasil não foi conseguida pela massa negra?

**ROBERTO** — Não, conforme falei, os negros se preparavam para tal, mas foi antecipada por um golpe político dos Republicanos da época — O resultado é o que vemos hoje — A maioria da gente negra brasileira, sem instrução, e sem emprêgo — é restrito o numero de negros cultos no Brasil, e, dentre os que o são, deixam de o ser para a raça.

**ROSINHA** — Não compreendi bem, Roberto.

**ROBERTO** — É muito simples, há negros cultos que se tornam brancos — negam eos da sua cor tudo — até mesmo um pouquinho de instrução — São pedantes e egoístas, e raramente se casam com mulheres de sua cor — Não quero dizer que não haja excepção, entretanto a maioria é assim.

**ROSINHA** — Isso eu já notei... Mas, quer dizer então que nos Estados Unidos da América do Norte...

**ROBERTO** — A gente negra norte americana fôra melhor preparada para a liberdade, sabia que a maior luta viria depois, devido mesmo à pressão do branco despeitado com a emancipação — E assim foi, uniram-se de uma maneira convicta — Depois da liberdade, o norte americano branco, passou a julgar o negro como um elemento inferior e desprezível — A luta do APÓS-LIBERDADE do negro norte americano foi titânica, tão dura como a da conquista da liberdade —

Venceram, tem tudo — desde a escola primaria às universidades — jornais diários, escolas técnicas etc., são engenheiros, medicos, advogados, cientistas, teatrólogos, artistas cinematográficos, artistas liricos, campeões de esportes diversos, aviadores, grandes proprietarios, banqueiros etc. Tem os seus representantes na câmara e no senado — Vivem e sentem a sua nacionalidade, não sentem como nós sentimos o preconceito porque não precisam de ninguém, sinão da Patria que amam, e que tem sabido enobrecer no esporte, na ciência, na indústria, nas artes, nas letras, em tudo afinal.

**SINHAZINHA** — Evidentemente, Roberto, você tem razão.

**ROBERTO** — E os negros do Brasil... acreditaram no "Somos todos iguais perante a Lei": — Resultado — é o que vemos em nossos dias, não têm nada e nada são — meia dúzia de negros cultos numa luta para viver, outra meia dúzia mendigando empregos públicos, e os restantes, na maioria analfabetos, se acabam nas gafieiras, (bailes públicos) onde adquirem a tuberculose. E, é dessa maneira que vão desaparecendo os elementos de uma raça que deu ao Brasil nomes como — Luiz Gama, José do Patrocínio, Henrique Dias, Cruz e Souza, Hemetério dos Santos, D. Silverio Gomes Pimenta, André Rebouças, Machado de Assis, Lima Barreto e tantos outros.

**CORONEL** — Muito bem, Roberto, gostei da exposição.

**ROSINHA** — Bravos, gostei do jovem parlamentar.

**SINHAZINHA** — Para Deus nada impossível, não é, Roberto?...

**ROBERTO** — Perfeitamente, madrinha.

— C O R T I N A —

**LOCUTOR** — Onze anos são passados, os nossos personagens tem hoje outra posição social — entretanto qualquer coisa perturba a paz, o sossego e a harmonia que existia na Fazenda Promissão. A Alceste, a linda mestiça, é modista de grande fama na cidade. Roberto está rico, é um grande engenheiro — Também Cláudio conseguiu terminar o seu curso de medicina, porém não tem clientes e é um boêmio inveterado. — Rosinha, perita-contadora, competente administradora, tem hoje em suas mãos os destinos das Fazendas Reunidas Promissão. — O coronel e a esposa, constantemente arrufados por motivos que saberemos no desenrolar do terceiro e último ato, não mais se envolveram nos negócios da fazenda — Hemetério continua como administrador.

— MÚSICA — prefixo

Final do segundo ato.

**LOCUTOR:** — Ouviremos agora o terceiro e ultimo ato de VITIMAS DO PREGONCEITO, original do escritor bandeirante Isaltino Veiga dos Santos (Lucas), especialmente escrita para o nosso rádio-teatro.

TERCEIRO ATO

**CONTROLADOR:** — Parte do prefixo.

**CORONEL** — Estamos envelhecendo. Como o tempo passa! Em todo caso, podemos dar graças a Deus, por nos haver proporcionado uma velhice feliz e descansada...

**SINHAZINHA** — Não sei como tem coragem em falar dessa maneira...

**CORONEL** — Não sei por que, se não fôsse a vida desregrada de Cláudio eu não teria com que me aborrecer.

**SINHAZINHA** — Quanta hipocrisia, meu Deus!

**CORONEL** — (mudando de assunto) E a Rosinha, já deu resposta a algum dos pretendentes...

**SINHAZINHA** — Já deu a todos, só falta dar resposta a um.

**CORONEL** — Qual será o infeliz que vai receber mais um não?...

**SINHAZINHA** — Não sei se será feliz ou infeliz, só sei que o último será o Roberto.

**CORONEL** — (surpreso) Qual Roberto?...

**SINHAZINHA** — Que Roberto havia de ser, senão o nosso? ... Não sei por que tanta admiração...

**CORONEL** — Será possível que o Roberto tenha coragem de propor casamento à Rosinha?!

**SINHAZINHA** — Não o compreendo, coragem por que?...

**CORONEL** — Não percebe que é demasiada a pretensão desse sujeito...

**SINHAZINHA** — (exasperando-se) Sujeito não! dobre a língua, cínico, você...

**CORONEL** — Não se aborreça, você compreende, a Rosinha, além de possuir milhões de cruzeiros, é nossa filha e é...

**SINHAZINHA** — (interrompendo) E' branca! e o Roberto é preto, não é assim? ... Quer dizer que você mudou muito

— já não parece aquele que, há 11 anos passados, se exasperou com o filho tomando o partido do Roberto.

**CORONEL** — Sim... Não há dúvida, mas você deve compreender que...

**SINHAZINHA** — A pimenta agora está em sua boca, e por essa razão está ardendo... pois fique sabendo, senhor Pantaleão, que eu não sou da mesma opinião.

**CORONEL** — Mas, quem conhece...

**SINHAZINHA** — Eu também conheço os meios escusos pelos quais consegui a grande fortuna que você possui — Tem feito, é verdade, algum benefício devido a minha insistência, e mesmo assim concordou obrigado pelo remorso — Casei-me com você sem interesse, tinha-lhe de fato amizade e, por proposta minha, casámo-nos no regime de separação de bens, e você não desconhece as razões que me levaram a proceder assim — Casei-me com a intenção de transformá-lo num homem de bem. — Não sei se consegui, sei que tenho sofrido muito, e tudo tenho suportado simplesmente por causa dos meus filhos.

**CORONEL** — Porque está você revivendo essas cousas?... Eu falei unicamente sobre a impossibilidade do casamento de Rosinha com o Roberto.

**SINHAZINHA** — E se eles resolverem, se eles quiserem?

**CORONEL** — Eu me oporei terminantemente.

**SINHAZINHA** — Com que autoridade?

**CORONEL** — Autoridade de pai, que sabe zelar pelos interesses dos seus filhos.

**SINHAZINHA** — Não o pode fazer. Rosinha está com 27 anos, e cresce ainda não precisar do seu dinheiro para nada — O dote e a economia que ela tem são suficientes para viver em igualdade de condições com o marido que escolher — Isso sem contar com a minha parte que também será dela.

**CORONEL** (com fingimento) E' mesmo essa a razão primordial da minha oposição — Não acredito na felicidade com muito dinheiro.

**SINHAZINHA** — Está fugindo à verdade. Há 36 anos passados não pensava da mesma maneira, embora eu tentasse demovê-lo de tal cousa. — Sabe perfeitamente o que fez para conseguir o que possui.

**CORONEL** — Basta, já estou farto de ouvi-la, já estou cheio dessa conversa, não me interessa o passado — Não me faça perder a calma...

**SINHAZINHA** — Está com medo, não é assim?... Pode perder a calma; hoje eu tenho a quem pedir socorro, tudo eu tenho escondido em benefício de meus filhos, tenho vivido resignada para salvar as aparências... quantas vezes eu me sentia revoltada com o seu cinismo e sofria calada.

**CORONEL** — Agora é tarde para arrependimentos...

**SINHAZINHA** — A não ser da me haver casado com você, nada tenho do que me arrepender — Consolo-me entretanto de haver amamentado nos meus seios os filhos das suas vítimas.

**CORONEL** — Basta, miserável!

**SINHAZINHA** — Miserável é você, alma danada! Basta de mentiras e de torpezas! Já não tenho medo de você. A única cousa que pode fazer, é matar-me, você é mesmo um covarde e está afeito a isso. — Tem as mãos tintas de sangue, sua vida é um rosario de crimes.

**CORONEL** — Pelo amor de Deus pare, senão...

**SINHAZINHA** — Não, não pare, você não pode falar em Deus, é um assassino. Eu sim poderei, e a Ele pedirei justiça, Justiça Divina, essa você não alcançará com o seu dinheiro, porque é implacável.

**CORONEL** — Cale-se, megera, ou eu já não respondo pelo que possa acontecer.

**SINHAZINHA** — Matar, para você é cousa banal — Mate-me também se tem coragem, covarde — Só assim tudo ficará claro como a luz do sol, tenho já tudo preparado... a carta que o acusará está em lugar bem seguro, e, se fechar os olhos hoje, amanhã você irá para a cadeia, entendeu, para a cadeia.

**CORONEL** — (possasso) Miserável...

— C O R T I N A —

— parte do prefixo —

**CLAUDIO** — (a sós, tonteado de sono) Já estou entediado com isto aqui. Que cousa mais aborrecida — não suporto — todos os dias as mesmas caras... e agora mamãe já não se entende com o velho — Deve haver cousa muito séria em tudo isso — Eu vou-me embora, meu lugar é na cidade, não tomo conhecimento de nada, dinheiro por aqui é mato, isso é o que me interessa... vou-me...

— PASSOS —

- CLAUDIO — Estava aí, velho?
- CORONEL — Que tratamento é esse?
- CLAUDIO — Não ligue pra isso, convenções tolas.
- CORONEL — Cláudio, você precisa tomar um rumo.
- CLAUDIO — É o que vou fazer, velho, amanhã vou-me embora para a capital. Grandes negócios me esperam por lá.
- CORONEL — Não pôde fazer isso — E os seus clientes, os seus doentes como é que ficam?
- CLAUDIO — Eu os entrego a Deus, não estou mais tratando disso, é muito cacete. Vou para o Rio montar um grande casino.
- CORONEL — Você está maluco, meu filho?
- CLAUDIO — Maluco de fato eu acabaria, se continuasse nessa agonia de clínica — e depois, meu velho, eu não tenho sorte com esse troço de medicina. Desde que me formei, não fiz outra coisa senão passar atestado de óbito, você compreende, isso é desagradável — Não existe outra alternativa. — Estou resolvido, vou-me embora. Pode me encher um cheque — não preciso de muito dinheiro; vinte mil cruzeiros é o suficiente para o início.
- CORONEL — Cláudio, o dinheiro é causa de somenos, entretanto justamente agora que eu tinha necessidade de que você ficasse na fazenda?
- CLAUDIO — Mas, para que, se eu não entendo nada desse troço? Esse couro de fazendas está na alçada do Roberto que é engenheiro.
- CORONEL — Não me fale mais nesse nome.
- CLAUDIO — (admirado) Uá! Já virou a mão? Não chego a me expulsar de casa, por eu havê-lo chamado negro? Agora que ele é o Dr. Roberto, não quer ouvir falar o seu nome? E, meu pai, esse negócio não está me cheirando bem, agora então é que eu vou mesmo — Roberto não é sopa, ontem eu vi-o no meio de mais de 200 operários das Usinas que ele está construindo.
- CORONEL — E o que tem isso?
- CLAUDIO — Já vai saber: — Três operários fizeram um roubo de canos de chumbo do almoxarifado; Roberto ordenou que os mesmos fossem à sua presença afim de passar-lhes uma lição de moral na presença dos demais operários. — Os faltosos, julgando naturalmente que teriam o apoio dos demais, se rebelaram — Que faz o Roberto? Dá uma sova de

- mestre em todos três, cada soco que ele aplicava era um tombo certo de cada um. — Terminando, mandou que o pagador acertasse a conta com os mesmos e mandou-os embora aconselhando-os. É estimadíssimo de todos, e é merecedor, até eu já gosto imensamente dele!
- CORONEL — Será possível, que um homem possa gostar de um seu desafeto, de medo! . . . Você, meu filho, que eu sempre julguei fôsse no futuro o meu sucessor, tem coragem de indicar o nome de um seu rival para a substituir na direção daquilo que é seu?
- CLAUDIO — Que desafeto, que rival, direção de que? . . . O senhor acaba me pondo maluco. — Eu não quero nada com fazenda, já lhe disse! Não me interessa, eu nasci para viver na cidade, nunca para viver no mato; **nêris desse negócio**, ainda ontem quase fui picado por uma cobra.
- CORONEL — (noutro tom, com segunda intenção) Está certo, meu filho. Fala assim, porque desconhece a causa da minha revolta, da minha repulsa.
- CLAUDIO — Nesse caso explique-me, porque, até o presente momento, eu não compreendi **patavina**.
- CORONEL — (Fingindo-se mequado) É doloroso, mas é meu dever dizer-lhe porque é você o meu filho mais velho. Você sabe que o Roberto, esse Roberto que eu eduquei, que eu criei fazendo-o um homem quer?
- CLAUDIO — Quer o que papai, diga logo.
- CORONEL — Casar-se com a sua irmã, Rosinha!
- CLAUDIO — Ora, esta é muito boa. . . E o que eu tenho com isso?
- CORONEL — Então você não se opõe a que a sua irmã se case com um negro?
- CLAUDIO — Não tenho autoridade e nem força moral para isso.
- CORONEL — E por que?
- CLAUDIO — (falando compassadamente) — Porque foi o senhor mesmo que me cientificou, haver sido legado por eles (os negros) tudo quanto possuímos, não é verdade? . . . Ademais, eu, com franqueza, gosto do Roberto, anteriormente eu estava errado e foi mesmo o senhor que me abriu os olhos — Roberto é um ótimo rapaz, (noutro tom) Imagina que ele aniversariou ontem, e como eu fôsse visita-lo, mandou **estourar** um champanhe — como estava delicioso! . . . Roberto é um **gentleman**.

**CORONEL** — Você é um beberrão.

**CLAUDIO** — Sou o Dr. Cláudio de Oliveira Sá, médico psiquiatra, que não trabalha, digo, que não clinica porque é milionário, conhecido nas grandes rodas como sendo o boêmio mais elegante da cidade...

**CORONEL** — (zangado) Você é um inútil.

**CLAUDIO** — (humático) Nesse caso... Com licença.

— P A S S O S —

**CORONEL** — (a sós) Já sei o que vou fazer, jamais perdi uma parada, e esta não será das mais difíceis.

— P A S S O S —

**ROBERTO** — Dá licença?...

**CORONEL** — (exaltado) Quem está aí?...

**ROBERTO** — E' de paz, Coronel, sou eu, o Roberto.

**CORONEL** — (desconcertado) Queira desculpar... Estava aí há muito tempo ou...

**ROBERTO** — Não, senhor, estou chegando neste momento, estive lá fora conversando com o Cláudio e com Dona Sinhá... mas, o senhor tem estado doente?... Note-o com a fisionomia transtornada, parece febril, pareceu-me ouvi-lo delirar quando cheguei!...

**CORONEL** — Paremos com essa farsa, entendeu. Eu não estou doente, não tenho nada, ouviu bem?... O que pretende, o que vem aqui fazer? Naturalmente a Dona Sinhá e o meu ilustre filho Cláudio...

**ROBERTO** — Que pretende insinuar?... Nem o Cláudio, nem a Dona Sinhá, tem culpa da minha vinda aqui. Vim porque precisava vir, tenho um dever de honra a cumprir nesta casa, é o que vim fazer.

**CORONEL** — ( fingindo calma) Que espécie de dever é esse?...

**ROBERTO** — Há doze anos passados aproximadamente, eu dissera a Rosinha que, assim que terminasse o meu curso, viria lhe propor casamento. Embora contra-feito, é o que venho fazer...

**CORONEL** — ( fingindo calma) Você tem aí a sua direita um espelho bem grande... Não percebe que é demasiadamente grande a distância que o separa dela?...

**ROBERTO** — (calmo) Não, não vejo distância alguma; para o senhor existe uma diferença: — ela tem a pele clara e a minha é escura...

**CORONEL** — (agressivo) E' o suficiente para a minha oposição, não permitirei que a minha filha se case com um negro... entendeu?...

**ROBERTO** — (ainda com calma) Sim, senhor Coronel, eu sou negro, e orgulho-me de o ser — não sei mentir nem fazer-me passar por aquilo que não sou e nunca fui — Aqui vim, não para falar com o senhor e sim com a Rosinha.

**CORONEL** — (cinico) Com que então, o doutorzinho negro quer ser o possuidor dos milhões de cruzeiros de minha filha!...

**ROBERTO** — (com aspereza) Estou em sua casa, mas acho prudente tratar-me com o respeito que mereço; do contrário...

**CORONEL** — São ameaças?...

— P A S S O S —

**ROSINHA** — O que é isso?... Dois bons amigos enfurecidos?...

**CORONEL** — (com desdém) Você conhece, minha filha, a pretensão do ilustre Dr. Roberto?...

**ROSINHA** — Eu ouvi tudo, papai...

**ROBERTO** — Nesse caso dispensa-me o trabalho de repetir: o que me interessa é o seu pronunciamento a respeito, depois me retirarei, ou para voltar novamente, ou para nunca mais...

**ROSINHA** — (comovida) Roberto, eu sempre lhe quis bem, foi você o meu bom companheirinho de infância, fomos nos crescendo, e me acostumei a não passar um minuto sequer sem a sua companhia; jurámos fidelidade um ao outro e...

**CORONEL** — (Interrompendo exaltado) Basta, filha ingrata, que eu já me sinto envergonhado... chega! Quanto a você negrinho, ponha-se lá fóra. — E' assim que me pega te-lo feito gente... suma-se... (falando a Rosinha) E você aí, para dentro!...

— P A S S O S —

**ROBERTO** — Sim, eu me retirarei, mas, não antes de dizer-lhe algumas palavras: — Eu sei, Coronel Pantaleão, que nada lhe devo. O Sr. sempre foi um hipócrita, e, por que não dizer? um mentiroso, um miserável — Se sou hoje um homem formado, devo simplesmente a Dna. Sinhá. Foi ela que me custeou os estudos até o final — Os meus oitenta mil cruzeiros no Banco, o Sr. mos roubou — Dos cinco milhões de cruzeiros da apólice, roubou-me também cem mil — Nada

revelou a ninguém porque me senti envergonhado, e para evitar mais sofrimentos a Dna. Sinhá — O sr. é um infame, é um covarde, é um vilão.

**CORONEL** — Desapareça da minha frente... há de me pagar.

**ROBERTO** — Quando queira, sou encontrado diariamente nos escritórios das Usinas — Eu só desejava que o sr. fosse um pouco mais moço, afim de que eu pudesse lhe dar um corretivo.

— C O R T I N A —

— parte do prefixo —

**ROBERTO** — (lendo uma carta).  
Roberto.

O meu abraço para você.

Não posso esquecê-lo, meu bem, você é tão bom, tão nobre, tão meu amigo, que não sei o que se passa em mim. — Gosto muito de você, creio até que o amo, mas... eu, eu... tenho medo de me casar... você Roberto, é tão bonitinho... mas, mas... mas... porque foi nascer preto, meu bem... que desgraça, que infelicidade... Eu, vou resolver, sim, Roberto? Não me queira mal, adeus, querido.

Adeus da sua Rosinha.

**ROBERTO** — Coitada da Rosinha, mais uma vítima do preconceito! Amor e medo — medo da sociedade porque eu sou negro, essa é a verdade — Aguardemos os acontecimentos.

— C O R T I N A —

— parte do prefixo —

**CORONEL** — Pois é isso, Hemetério, Estamos combinados. Amanhã à noite, eliminaremos aquele cachorro — Você é testemunha do quanto fiz por ele e está vendo a maneira de me agradecer — Enganou-se porém. O coronel Pantalão nunca enjeitou parada, dá um boi para não entrar entretanto uma vez dentro do brinquedo, dá uma boiada para não sair.

**HEMETÉRIO** — (suspirando) O senhor tem razão, creou cobra para o morder.

**CORONEL** — É, mas ele não sabe que possui contra-veneno para qualquer mordedura: eu danço de acôrdo com a música.

**HEMETÉRIO** — Entretanto, Coronel, é preciso cuidado, o doutorzinho não é sopa não...

**CORONEL** — Não tenha receios... outra cousa: — Você deve casar-se com a Rosinha o mais breve possível. Ela não lhe é indiferente e já está tudo preparado. — O resto depende unicamente de você — Quero que se casem, só assim estarei sossegado.

**HEMETÉRIO** — Dna. Sinhazinha e o Dr. Cláudio concordaram?

**CORONEL** — Naturalmente, e mesmo que assim não fôsse, não teria a mínima importância, bastaria a minha e a opinião da Rosinha.

**HEMETÉRIO** — Parece um sonho — Serei o homem mais feliz do mundo...

**CORONEL** — (sem dar atenção) Então, tudo combinado, amanhã às 23 horas e 30 minutos, nas proximidades do acampamento das Usinas Rio Doce — Ainda que chova canivetes.

**HEMETÉRIO** — Combinado — As 23 horas e 30 minutos...

— P A S S O S —

**ROSINHA** — Quem estava aí, papai?...

**CORONEL** — O seu futuro espôso.

**ROSINHA** — Quem... o Hemetério?

**CORONEL** — Ainda bem que você não pronunciou outro nome...

**ROSINHA** — (com indiferença) Pois não é esse o marido que o senhor está me arranjando?...

**CORONEL** — Minha filha, não é tanto assim... de fato ficarei satisfeito se você o desposar: é rapaz direito; trabalhador e competente, e, o principal, gosta de você.

**ROSINHA** — Isso, não é o bastante, precisava que também eu gostasse d'ele, cousa que para o senhor não importa — Já lhe deu a palavra, o assunto morto, não é assim?...

**CORONEL** — Você é um anjo... muito obrigado, minha filha...

**ROSINHA** — Nada deve agradecer: apenas está procurando dispor de uma mercadoria que lhe pertence, por isso...

**CORONEL** — (fingindo mágu) Querida, você não deve falar dessa maneira porque me magoa...

**ROSINHA** — Se assim é, queira me desculpar, mas... eu ouvi a sua conversa com o Hemetério.

**CORONEL** — (exasperado) Oque?!... Você ouviu a minha conversa com o Hemetério!... Com que interesse, andá-me

espionando, não é assim? . . . Onde está a sua educação? . . . Já sei, isso tudo obra da sua mãe. — Devia ter mais escrúpulos, entendeu? . . .

**ROSINHA** — (chorosa) Meu Deus, que disparate, que ingratidão — Que lhe fez a mamãe coitada, doente como anda, nem mesmo tem se alimentado, pouco sai do seu quarto — E também eu, que lhe fiz para ser tratada assim? . . .

**CORONEL** — (fingindo-se arrependido) Minha filha, perdoe-me querida. De fato, você tem razão, eu, eu exagerei . . .

**ROSINHA** — (com altivez) Exagerei e muito, meu pai. Exigiu de mim o máximo que podia exigir, o de casar-me com um homem que não amo. — Como se isso não fôsse o suficiente, ofende-me como se eu fôra uma creatura desprezível — Tenho 28 anos, sou emancipada e poderia escolher o marido que me conviesse — Não quis usar desse direito em obediência ao senhor que não correspondeu, meu pai, a esse meu ato de submissão, de sacrificio moral — Sinto-me ferida em meu amor-próprio. — Pelos mesmos motivos minha santa mãezinha está prostrada — Não, meu pai, o senhor não merece o nosso sacrificio — Faça de mim o que quiser — Eu me rebelo, não mais me casarei com o seu amigo Hemetério — Sou sua filha, mas sou também mulher e tenho um coração — Esse eu só entregarei a quem se fizer digno d'êlo, a quem o fizer pulsar . . .

**CORONEL** — (procurando acalmar Rosinha) Mas . . . minha filha . . .

**ROSINHA** — Não . . . Nunca cometeria uma loucura da qual a única responsável seria eu mesma — a vida só vale pelo que ela tem de belo e de sublime . . . O amor . . . (sai)

— P A S S O S —

— C O R T I N A —

— parte do prefixo —

**SONOFONIA:** — Relógio — Duas badaladas.

**ROSINHA** — (bocejando de sono) Duas horas da madrugada, mãezinha: estou igual à senhora, não consigo dormir.

**SINHAZINHA** — Há já dias que não durmo direito, hoje porém está contribuindo para isso aquela conversa que você ouviu entre seu pai e o Hemetério.

**ROSINHA** — É, êle irritou-se, chegou a me ofender, conforme lhe contei.

**SINHAZINHA** — Qualquer cousa de grave está para acontecer, o meu coração não me engana — Deus queira que não — O Cláudio já chegou? . . .

**ROSINHA** — Não, minha mãe, mas êle disse-me que pernoitaria na cidade porque, como pretende viajar, desejava despedir-se de uns amigos — Mas, mamãe, a senhora acha que papai tem coragem de fazer algo de mal ao Roberto?

**SINHAZINHA** — (suspirando) Infelizmente, tem, querida, eu o conheço bem, e sei do quanto é êle capaz — Desde que me casei tenho sofrido horrores com seu pai — Tudo suporrei resignada porque queria vê-los crescer, não poderia deixá-los ao desamparo. — Deve ter percebido que eu não lhe falo — Há um mês aproximadamente que rompi com êle, — Felizmente está no comêço do fim: cumprirei o meu dever, e, depois poderei morrer descansada . . .

**ROSINHA** — (chorosa) Não fale assim, mãezinha, não quero que a senhora morra, o que farei no mundo sem a senhora? . . .

**SINHAZINHA** — Deus dá jeito para tudo, e eu viverei muito ainda, quero vê-la casada primeiro; sei que Nossa Senhora da Aparecida me concederá essa graça.

**ROSINHA** — Que assim seja, mamãe, mas nunca com o Hemetério . . .

**SINHAZINHA** — E com o Roberto?

**ROSINHA** — Eu gostava, isto é, eu . . . eu, gosto muito do Roberto, mas, não sei, minha mãe, simplesmente por ser êle de côr, eu lhe escrevi uma carta, dizendo que gostava d'êle, mas . . . não para casar, porque êle era . . .

**SINHAZINHA** — (admirada) Você fez isso, minha filha?!

**ROSINHA** — (soluçando) Pois é, minha mãezinha, eu fiz isso sim . . . e agora . . . já chorei tanto, me contaram que êle anda com muito chamêgo com a Alceste . . .

**SINHAZINHA** — Bobagens, querida. O Roberto sempre foi amiguinho da Alceste. Quando vocês eram crianças, ela vivia chorando e reclamava que o Roberto gostava mais de você do que dela — De fato Roberto sempre dedicou a você uma estima tôda especial — Foi essa a razão que levou seu pai a manda-lo para S. Paulo e não para Belo-Horizonte — Pantaleão nunca gostou do Roberto, aquelas demonstrações eram tôdas fingidas.

**ROSINHA** — Será possível, meu Deus!

**SINHAZINHA** — Pois, é essa a verdade . . . Quando êle seguiu para S. Paulo, era para ficar lá de vez, perdeu um ano de estudos porque seu pai, sem que eu soubesse, não lhe mandou mais dinheiro, tirando também o que êle tinha no Banco.

ROSINHA — Como é que ele se arranjou?...

SINHAZINHA — Fui eu, meu bem, que com o meu dinheiro lhe custeei os estudos até o final...

ROSINHA — Quem havia de dizer!... Como papai é mau!... Coitado do Roberto! como tem sotridol... Mamãezinha, dê-me um beijo, a senhora é uma santa.

SINHAZINHA — Era essa a minha obrigação. De maneira alguma, poderia permitir que o Roberto fracassasse.

ROSINHA — Eu sinto tanta falta dele... também, pouco aparece por aqui...

SINHAZINHA — Também para fazer o que, você não viu como seu pai o recebeu, na última vez que aqui esteve?... Além disso, a sua carta...

SONOFONIA: — Relógio — 4 badaladas.

ROSINHA — É verdade, o papai não regressou ainda!...

SINHAZINHA — É, e já são 4 horas. Estou desconfiada de alguma coisa — O meu coração está dizendo...

ROSINHA — O que mamãe?...

SINHAZINHA — Nada, filhinha... (noutro tom) olhe lá para fora...

ROSINHA — (admirada) Meu Deus, amanhecemos acordadas — O sol já apontou — Lá vem o Tão.

SINHAZINHA — (desconfiada) Mau sinal!

SEBASTIÃO — Bom dia, Sinhazinha! bom dia, Nha Rosinha! Não vai havê trabáio hoje?...

ROSINHA — Onde está o Hemetério?...

SEBASTIÃO — Ele saiu ontem com o Coronel e num voltô intê agora...

SINHAZINHA — Deus, meu Deus! (desmoia)

ROSINHA — (possessa) Mamão, mamãezinha!...

— C O R T I N A —

— parte do prefixo —

E P I L O G O

CLÁUDIO — Ainda me sinto emocionado com o sucedido — não pela morte em si, coisa que nós os médicos encaramos com a maior naturalidade — e sim pelas circunstâncias... Que vergonha para nós, não é, mamãe?...

SINHAZINHA — Não, meu filho, você tem mais do que se envergonhar. — Daqui a pouco eu vou pôr vocês todos ao corrente de tudo quanto se passa e que se tem passado — Deus me perdoará, mas devo dizer, que não lamentei a morte de seu pai — Estava escrito no livro do destino — Ele devia morrer assim, porque Jesus disse: —

Quem com ferro fere, com ferro será ferido.

CLÁUDIO — Profunda sabedoria divina!...

SINHAZINHA — (falando a Roberto) Sabe qual foi a pessoa que feriu a você?...

ROBERTO — Minha madrinha, eu tentei inocentar o Hemetério, mas...

ROSINHA — Como você é bom, Roberto!...

ROBERTO — (sem dar atenção às palavras de Rosinha) o Comissário me fez ver, que só a razão de haver ele acompanhado o Coronel para ajudá-lo na execução do plano diabólico de minha eliminação, já constituía um crime...

CLÁUDIO — Não há dúvida.

SINHAZINHA — Mas, quem feriu você afinal?...

ROBERTO — Eu vou detalhar: — Devido ao calor, trabalhava eu com a janela do escritório semi-aberta, com a cabeça baixa sobre uns cálculos — Quando a levantei, vi que um homem de arma em punho apontava para a lâmpada elétrica — Deu três tiros e só o terceiro atingiu a lâmpada, apagando-a — Ato contínuo, pulou para dentro da sala. — Atracámo-nos rolando pelo assoalho — Uma saraivada de balas parte do lado de fora em direção ao escritório — Eram as guardas, que julgavam tratar-se de ladrões — Ainda atracado com o meu desconhecido, ouvi distintamente o boque pesado de um corpo, que desprendendo-se da janela batia ao solo — Os guardas entraram no escritório, conduzindo-nos para um compartimento contíguo; o homem com quem eu me atracava, era o Hemetério; o que jazia morto lá fora era o Coronel. — Eu estava todo ensanguentado, era o ferimento do braço. — E foi tudo...

ROSINHA — Dói muito, Roberto?...

ROBERTO — Um pouquinho, porque ainda não foi feita a extração da bala.

ROSINHA — Cláudio, você não pode fazer a...

CLÁUDIO — Logo mais à tarde tratarei disso, não tenho aqui aparelhos; vou buscá-los na cidade.

**SINHAZINHA** — Vocês todos, naturalmente, tem muita coisa séria a tratar. — Eu desejava que fizessem na minha presença, porque eu tenho uma revelação a fazer — Mas só a farei depois, por recear possa a minha exposição mudar o curso do entendimento entre vocês... Falem, pois...

PAUSA LONGA

**SINHAZINHA** — Já que todos se calam eu falarei — Agora eu tenho certeza de que viverei descansada o resto da minha vida — Contudo, é meu desejo deixar as coisas acomodadas — (falando a Roberto) Roberto, quero saber o que há de verdade entre você e a Rosinha...

**ROBERTO** — Há, minha madrinha, o que nunca deixou de haver, uma amizade diferente das amizades comuns — Eu cheguei a lhe propor... mas... depois de tantos anos, descobriu ela que eu era...

**SINHAZINHA** — O que?...

**ROBERTO** — Preto, e recusou o meu amor...

**ROSINHA** — Não, Roberto, eu não desprezei, nem recusei o seu amor, nunca deixei de o amar — meu pai é que pintava tudo muito negro, e eu tive medo, por que não dizer? tive medo de me casar, simplesmente por causa da sua cór-Perdoe-me, querido Roberto, quero-lhe muito, sou sua...

**ROBERTO** — Obrigado, muito obrigado, Rosinha! Eu sabia! Nascemos um para o outro — Deus é grande... Meu grande amor...

**CLÁUDIO** — Minha mãe, eu sei que a senhora vai estranhar... mas, também eu, cansei-me da vida de orgias, resolvi tomar uma diretriz certa e segura para o futuro — pretendo me casar, e, já estou noivo — isto é, eu e ela já nos consideramos noivos...

**SINHAZINHA** — Meu filho, não brinque, o casamento é coisa sagrada — Você não serve para essa coisa. Qual seria a maluca que o iria aceitar para esposo?...

**CLÁUDIO** — Não diga isso, minha mãe, também eu, como a Rosinha e o papai, fui uma vítima do preconceito. Hoje, minha querida mãe, estou curado — O Roberto é uma testemunha da minha conduta atual.

**ROBERTO** — Evidentemente, madrinha, o Cláudio já não é mesmo homem de ontem.

**SINHAZINHA** — Sempre com bondades — Como me quer

enganar, se o Cláudio não pára em casa, são raríssimas as noites que ele dorme aqui!...

**CLÁUDIO** — Roberto, minha mãe, é incapaz de mentir — Falou a verdade; eu queria fazer à senhora uma surpresa; eu tenho trabalhado muito estes últimos tempos.

**ROBERTO** — É um fato, e os operários da Usina não querem outro médico...

**CLÁUDIO** — Passo o dia todo clinicando, à tardinha vou a casa da noiva, outras vezes ao grêmio ou ao cinema, e, para não chegar demasiadamente tarde na fazenda, durmo mesmo na cidade na casa do Roberto.

**SINHAZINHA** — (satisfeita) Deus, como és bom, como és misericordioso, como Te sou grata por tudo! — Muito obrigada, meu filho, que Deus o conserve assim — Outra coisa, meu filho: — Esta mulher que você escolheu para sua esposa é digna de...

**CLÁUDIO** — (interrompendo) As vezes, penso não merecê-la, tão meiga, tão dócil, tão carinhosa ela é...

**ROSINHA** — Podemos saber quem é essa felizarda, e qual o seu nome?

**CLÁUDIO** — Perfeitamente, está a sua esquerda...

**ROSINHA** — (admirada) Alceste!... Então é você, minha **SANTINHA DO PAU OCO** — e dizia-me não ter namorados, não ter amores...

**ALCESTE** — Querida Rosinha, embora com os personagens invertidos, eu estava no mesmo caso seu, tinha medo, éle branco e eu uma mestiça...

**ROSINHA** — Tem razão, como fomos tolas...

**CLÁUDIO** — Vamos acabar com essa história de preto e branco mesmo porque, se formos procurar direitinho na origem, branco no Brasil **É MANGA DE COLETE** — Português, Africano e Bugre, não dá branco puro de maneira alguma — Esta grande Pátria, onde até mesmo a Sua Padroeira, Nossa Senhora da Aparecida, não é branca — é cabocla, é mestiça, é negro, é Brasileira, quer queiramos quer não.

**ROSINHA** — BUNITO!...

**SINHAZINHA** — A revelação que eu desejava fazer perdeu a sua oportunidade, porque, guiados pela mão do Creador, os verdadeiros donos de uma grande fortuna, entram e tomam posse daquilo que sempre lhes pertenceu — Cláudio, você tem o meu consentimento para se casar com a Alceste, entretanto tem que falar a mais alguém...

**CLÁUDIO** — Com a Alceste, não há mais necessidade...

**SINHAZINHA** — Pois ... sabem todos que a Alceste é irmã do Roberto.

**TODOS** — (admirados) Oh! Oh!...

**CLÁUDIO** — Nesse caso: — Dr. Roberto Veiga da Gama, consente V.S. que, pelos sagrados laços do matrimônio, eu me torne esposo de sua gentilíssima irmã, Senhorinha Alceste Veiga da Gama?...

**ROBERTO** — (com voz irada) Não consinto porque...

**TODOS** — (surpresos) Porque...

**ROBERTO** — (com meiguice) Porque já havia consentido...

**TODOS** — Risada.

**SINHAZINHA** — Deus tarda mais não falta — Glória e êle nas alturas. Meus filhos, eu vos abençôo.

Sonofonia: — **Marcha Nupcial.**

— **Finis** —

Rio de Janeiro, 5 de Fevereiro de 1945.

**Isaltino B. Veiga dos Santos** — (Lucas)  
Rua Comandante Abreu n.º 67 — Olaria D.F.

**Dr. José de Souza Camargo**  
— Editor —

Rua Angelica Mota n.º 333 — Olaria, D.F.  
Telefone: 30-1361

### RESOLUÇÃO

Teatro ligeiro, original de ISALTINO VEIGA DOS SANTOS (Lucas), especialmente para a Z.Y.D.2, Rádio Sociedade Muriaé, Minas Gerais.

PERSONAGENS — Ele e Ela

Cena Única

**ÊLE** — Oque tens, meu anjo? Noto-te amuada, assim com ares de "quem comeu e não gostou; fala, queridinha, dize oque

te preocupa... Vamos, um sorrisozinho para o maridinho que te adora... estou sequinho por um beijinho teu... vamos, benzinho, não sejas má; vamos, minha (destacando as sílabas) co-cá-dinha...

**ELA** — (zangada) Cocadinha!... então já sou cocadinha não é?... Onde aprendeste isso?... **Estás me saindo melhor que a encomenda**, olha aqui... Dóra avante, 22 horas o o mais tardar em casa, percebês, 22 horas entendeu, nem um minuto de tolerância, do contrário já sabes "**VAI HAYER SUJEIRA**".

**ELE** — Escuta, meu bilboquê...

**ELA** — Bilboquê!...

**ELE** — Perdão, benzinho, a lingua dobrou, eu queria dizer bibelô.

**ELA** — Vamos acabar com essa coisa de **adjetivos**, sabes perfeitamente que eu não tolero jíria.

**ELE** — Mas, oque foi que eu te fiz, minha Evazinha, tu...

**ELA** — Pára, pára com isso, não gosto de fingimentos, não me chamo Evazinha, sabes muito bem que meu nome não é Eva, e, de antemão já vou avisando, também não sou Amelia.

**ELE** — Não sei como conversar contigo, nada está bom...

**ELA** — Oque quero é que não me aborreças; tu, quer dizer, todos os homens, são uns hipócritas, entendem que nós as mulheres somos obrigadas a ficar eternamente sujeitas aos seus caprichos.

**ELE** — Estês sendo injusta comigo, juro por êsses lindos olhos, que...

**ELA** — Nada disso!... Jura pelos teus olhos, porque eu não quero ficar cega...

**ELE** — Sabes que eu nunca fiz córte a mulher alguma a não ser...

**ELA** — E sê **BÊSTA**, polheço, que eu te mostrarei com quantas canôas, digo com quantos paus se faz uma canôa.

**ELE** — Querida, não é por estar na minha presença, mas todos dizem que eu sou um rapaz direito.

**ELA** — Já estás é com a **branquinha** no craneo, não importa oque digam os outros, eu é que sei oque és, vou já te pôr ao corrente das razões da minha irritação.

**ELE** — Está certo, meu bem, podês falar; ouvirei caladinho, sô uma coisa vou te pedir...

**ELA** — (com aspereza) Diz logo...

- ÉLE — Queridinha, vai guardar essa tesoura; tens o costume de falar gesticulando, és capaz de me machucar.
- ELA — Não tenhas receio...
- ÉLE — Eu sei que não me ofenderás propositalmente, mas a tesoura póde escapar das tuas mãos e...
- ELA — [zangada] Basta de "conversa fiada", não me interrompas.
- ÉLE — Estou quietinho...
- ELA — Cala a boca... Precisas saber que um homem sem palavra, sem amor próprio, sem compostura, é o último dos homens...
- ÉLE — Isso é verdade.
- ELA — Ainda bem que concordas...
- ÉLE — Não é por estar na minha presença, mas, sempre fui franco, oque dizes agora é uma verdade inofismavel...
- ELA — Pois é, tu "seu patife" és um homem nessas condições...
- ÉLE — Eu já sabia que tódas essas cousas eram comigo.
- ELA — Nada mais claro. — Sabes oque me prometeste ante-ontem à noite?...
- ÉLE — Eu, ainda não recebi, querida...
- ELA — Não te faças de tolo, não é nada disso... oque me prometeste ante-ontem à noite?
- ÉLE — Foi aquéle sapatinho bonitinho, não foi benzinho?...
- ELA — [irritada] Já te disse que não...
- ÉLE — Juro, minha florzinha, como não tenho lembranças...
- ELA — És mesmo um clínico — Não prometeste não mais chegar em casa com cheiro de "cachaça" na boca?...
- ÉLE — Eu não bebi nada, anjinho!...
- ELA — Ainda tens coragem de negar, aproxima-te mais de mim... PAUSA e então...
- ÉLE — Foi só uma "talagadinha", até quem pagou foi o Nogueira Xavier...
- ELA — Não adianta — És um caso perdido — Vergonha em ti, é língua de mosquito. — Se soubesses o quanto é o álcool prejudicial à saúde...
- ÉLE — MAS, eu só tomo como aperitivo, ou então, quando está muito frio, que é para esquentar.
- ELA — Daqui a pouco és capaz de dizer, que no calor tomas também para refrescar — Sabe que, nem mesmo como remédio eu admito — O dia que ficaste ruim com aquelas

- colicas de figado, o Dr. Baccho disse-me que a causa era a aguardente que tomavas com exagero; pediu-me até um ovo para fazer uma experiência, o que fez na minha presença.
- ÉLE — O Dr. Baccho é um médico competente...
- ELA — Não te estou pedindo opiniões, escuta que é melhor...
- ÉLE — Estou ouvindo.
- ELA — Pediu-me o Dr. Baccho, um prato e um ovo...
- ÉLE — Para que?...
- ELA — Faz o favor de não interromper mais...
- ÉLE — Está certo.
- ELA — Conforme eu dizia, o Dr. Baccho colocou o ovo no prato, em seguida, deitou sôbre o mesmo uma colher de álcool; tu és capaz de me dizer o que aconteceu?...
- ÉLE — Oque podia acontecer?!...
- ELA — Pois fica sabendo, seu palerma, que dentro de segundos a gema do ovo ficou carbonizada, pretinha, pretinha!...
- ÉLE — Crédo, nossa senhora, imagine no organismo de uma pessoa!...
- ELA — Compreendeste, não é verdade?... E agora, ainda vaes continuar a...
- ÉLE — Absolutamente, não, estou com a minha RESOLUÇÃO tomada — Não tem mais conversa, só se eu não tivesse brio e pena de mim próprio... está resolvido, nem podia ser doutra maneira...
- ELA — Então, queridinho, quer dizer que nunca mais...
- ÉLE — Sim, querida... NUNCA MAIS COMEREI OVO...

— Finis —

Rio de Janeiro, 5 de Fevereiro de 1945.

Isaltino B. Veiga dos Santos

## CONSEQUÊNCIAS

Teatro ligeiro, original de Isaltino Veiga dos Santos, especialmente para a Z.Y.D.2.

Personagens — Ele, Ela e Locutor.

CENA ÚNICA

**LOCUTOR** — Esta história é corriqueira como corriqueiras são tôdas as histórias contadas de um só folego, e cujo epílogo, raramente é aquêle que o ouvinte espera. — Ouçamos pois a história radiofonizada que Lucas oferece hoje aos ouvintes de Z. Y. D. 2.

**ELE** — (embriagado falando a si próprio) Sim, senhor. Finalmente cheguei (observando) E... o hotel é aqui mesmo, disso eu tenho pleníssima certeza... mas agora é que me enrosquei todo. — Minha cabeça assemelha-se a uma babél, as pernas não querem me obedecer... de que maneira subirei essa escadaria tôda? Eu tenho que subir, preciso subir, ainda que se torne necessário fazer dos meus braços mais duas pernas. Eu tenho que amanhecer dentro do meu quarto.

**LOCUTOR** — Ele voltava de uma farra de amigos, bastante embriagado, aqueles trouxeram-no até a porta do hotel aonde o deixaram. — Acontece, entretanto, que os seus aposentos eram num segundo andar de um grande hotel com cento e tantos quartos, cujo acesso era feito por uma escada de 200 degraus aproximadamente. — O nosso homem subiu a escada de "QUATRO PES" como vulgarmente se costuma dizer. Vejamos agora o que se passa com o nosso herói.

**ELE** — Não sei como consegui subir — a escada já acabou — e agora onde estará o meu quarto? — Não sei também para que tantos quartos!... Eu não estou muito ruim, bom também sei que não estou; mesmo que estivesse bom, não seria muito fácil encontrar o meu quarto no meio de tantos, principalmente num hotel como este, cheio de corredores e zigzagues; e eu estou aqui há apenas 20 dias... O que não adianta é pensar muito, eu preciso dormir. (passos).

**LOCUTOR** — Conforme ouviram, o homenzinho foi à procura do seu quarto, vejamos se já conseguiu.

**ELE** — (batendo na porta do quarto de uma senhora supondo ser o seu) (bate).

**ELA** — (com aspereza) Quem bate?

**ELE** — (ouvindo vóz de mulher) Queira desculpar, minha senhora, erreí a porta — (retira-se-passos que desaparecem).

**LOCUTOR** — O nosso homem nada conseguiu, vai êle fazer nova tentativa — Acontece que, estando grandemente embriagado, percorre quase todos os compartimentos do hotel, e acaba sempre batendo na mesma porta que bateu a primeira vez. — Vamos procurá-lo na sua quinta tentativa.

(passos que se aproximam, batendo com insistência em uma porta).

**ELE** — Isso não pôde continuar! Já está quase amanhecendo, eu não posso continuar nesta agonia, estou bem desconfiado de já haver percorrido todos os quartos do hotel — O meu colega deve estar dormindo, mas eu porei as portas abaixo (batendo).

**ELA** — (indignada abrindo a porta) Grandíssimo atrevido, o que é que o senhor está pensando... saiba, seu "cafa-jeste", que eu sou uma senhora honesta, e não admito que nem mesmo em pensamento alguém faça mau juízo a meu respeito! — Vou já acordar os meus filhos para o jogarem no "ôlho da rua"; sairá mesmo pelas janelas.

**ELE** — Não adianta, minha senhora, eu não tenho nada com a sua vida, mas a senhora é que me deve umas explicações... comigo, dona, é na durindana, a mim ninguém faz de palhaço...

**ELA** — Não sei onde estou, que não lhe dou um corretivo à altura; além do desaforo, ainda insinuações...

**ELE** — (que compreendeu mal) Não tenho nada com suas paixões e...

**ELA** — (indignada) "Cachorro", agora é demais...

**ELE** — É isso mesmo, é demais... em todo quarto em que bato, está a senhora metida dentro dêle.

— Finis —

Muriaé, 10 de Janeiro de 1945.

Isaltino B. Veiga dos Santos

— LUCAS —